



## ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES-MÃES-ESTUDANTES DA EJA NO CETIT, OLIVEIRA DOS BREJINHOS/BA: CONDIÇÕES DE ACESSO E PERMANÊNCIA

**Carolayne Almeida da Silva – CETIT**  
**Júlia Miranda Marquês – CETIT**  
**Maria Clara Campos Gomes – CETIT**  
**Taima Cristina Gomes dos Santos – CETIT**  
**Romário Silva Jorge – CETIT**

### Resumo

Este texto resulta de uma pesquisa que objetivou discutir sobre as condições de acesso e permanência de mulheres-mães-estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio Estadual de Tempo Integral Tiradentes (CETIT), situado em Oliveira dos Brejinhos, Bahia. Os dados da pesquisa foram produzidos através da aplicação de questionários com dez participantes e analisados pela ótica da “escrevivência”. Entre os resultados, destaca-se que a maioria das mulheres que são mães e estudam na EJA se autodeclararam pretas/pardas, tiveram filhos antes dos 20 anos e dispõem de poucas condições socioeconômicas. Suas experiências de acesso e permanência na escola são marcadas pela falta de suportes institucionais e de pessoas, o que resulta em uma tardia conclusão do Ensino Médio. A criação de uma rede de apoio, dentro e fora do espaço escolar, emerge como uma medida necessária.

**Palavras-chave:** Mulheres. Mães. Estudantes da EJA. CETIT.

### INTRODUÇÃO

A reflexão que ora apresentamos origina-se de uma pesquisa desenvolvida no CETIT, instituição pública de ensino localizada no município de Oliveira dos Brejinhos, no Território de Identidade do Velho Chico, estado da Bahia, onde notamos um número significativo de mulheres que estudam na EJA, são mães, levam seus filhos para a sala de aula, demonstram cansaço e parecem dispor de poucas condições de acesso e permanência na escola.

Diante de tal realidade, questionamos: Quem são as mulheres-mães-estudantes da EJA matriculadas no CETIT? Quais condições marcam suas experiências de acesso e permanência na escola? Na procura por respostas, buscamos suas “escrevivências”, entendendo-as como



narrativas que ecoam das vozes de outros sujeitos (Evaristo, 2017) que enfrentaram desafios semelhantes e recorreram à EJA como possibilidade de conclusão da educação básica.

A presente discussão se faz importante, posto que pretende contribuir com a problematização dos ideais de uma sociedade capitalista, racista, misógina e machista que ainda atribui à mulher múltiplas responsabilidades, impondo-lhe barreiras gigantescas, sobretudo quando se pensa no mercado de trabalho e nos percursos de escolarização. Como salientam Reis e Eiterer (2017), esse é um problema histórico, pois desde a infância, “[...] somos orientados para seguir determinados comportamentos socialmente aceitos” (p. 7).

Portanto, o propósito deste texto é evidenciar que “nem tudo são flores” na vida de mulheres que são mães e estudam na EJA, destacando “[...] sua capacidade e sua vontade de agir para obter melhores condições” (Reis; Eiterer, 2017, p. 14) de vida e de estudo.

## OBJETIVO(S)

- Problematizar as relações de gênero na sociedade e na educação;
- Identificar as escrevivências de mulheres-mães-estudantes da EJA;
- Analisar suas condições de acesso e permanência na escola.

## METODOLOGIA

Na condução metodológica da pesquisa, em um primeiro momento, fizemos uma revisão de literatura sobre as relações de gênero na educação. Para identificar os sujeitos, pedimos a colaboração dos líderes de classe das três turmas de EJA do CETIT, mediante envio de uma mensagem de texto nos grupos de *WhatsApp*, onde definimos o propósito investigativo e os cuidados éticos, expressos na utilização de nomes fictícios.

Identificadas as participantes, procederemos com o envio do questionário *online*, no dia 31 de julho de 2024, com questões objetivas e subjetivas. Por meio desse questionário, traçamos o perfil das mulheres-mães-estudantes da EJA matriculadas no CETIT e capturamos suas escrevivências referentes às condições de acesso e permanência na escola. Inspiradas nas reflexões de Conceição Evaristo, compreendemos a “escrevivência” como um procedimento



metodológico que concebe a escrita como movimento intimamente relacionado à vivência de quem narra, às experiências de quem escreve (Duarte; Nunes, 2020; Evaristo, 2017).

**Figura 1** – Situação de leitura e análise dos dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

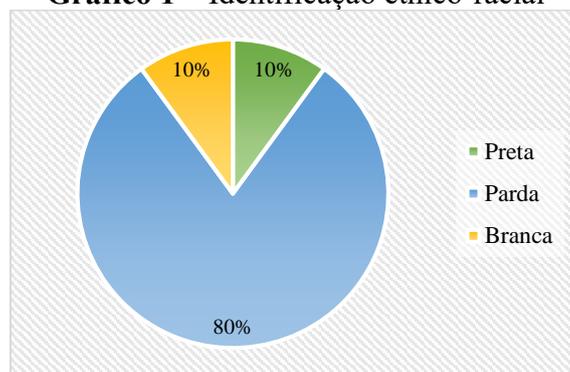
Com os dados em mãos, fizemos uma leitura flutuante para identificar as categorias, que foram analisadas a partir da noção de escrevivência, compreendida não como uma “história de ninar” (Evaristo, 2017), mas como uma escrita capaz de gerar incômodos e mobilizar pessoas para uma intervenção concreta diante dos problemas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas dez mulheres-mães-estudantes da EJA matriculadas no CETIT. Diante da leitura e análise dos dados, notamos que elas possuem uma faixa etária entre 17 e 38 anos, sendo que a maioria delas se autodeclara preta ou parda, como exposto no gráfico 1.



**Gráfico 1 – Identificação étnico-racial**

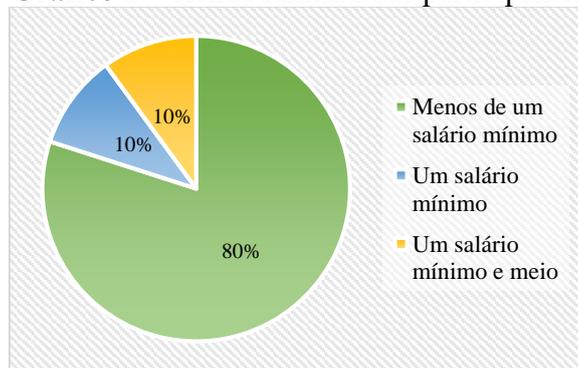


Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Dessas mulheres-mães-estudantes da EJA, oito têm entre um e dois filhos, sendo que uma tem quatro filhos e outra diz que está gestante: “*Tô grávida de 4 meses*”. Nota-se que a maioria delas teve filhos com menos de vinte anos, o que pode ser consequência da falta de práticas educativas voltadas para a educação sexual na escola, ausência de orientação e diálogo entre pais e filhos sobre relações sexuais e medidas necessárias à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

É importante salientar, ainda, que há duas informantes que só estudam, três donas de casa, sendo uma diarista, e duas que trabalham em secretaria de almoxarifado e salão de beleza. Duas delas não especificaram sua ocupação e uma preferiu não responder. No que diz respeito à renda familiar, a maioria ganha menos do que um salário mínimo (80%) e apenas 20% ganha entre um e um salário mínimo e meio, como exposto no gráfico 2.

**Gráfico 2 – Renda familiar das participantes**



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.



Esses dados reforçam o que as estatísticas recentes apontam: pessoas pretas e/ou pardas são mais vulneráveis socialmente, refletindo as marcas de uma sociedade onde o preconceito está enraizado, gerando desigualdades. Além da combinação de fatores econômicos e étnico-raciais, as mulheres-mães-estudantes da EJA dizem já ter desistido da escola por outros motivos: trabalho, falta de suporte para cuidar dos filhos e até mesmo atritos com os maridos.

Esse último ponto merece destaque, pois desde a infância, mulheres são educadas para atuarem como esposas, mães, donas de casa... (Reis; Eiterer, 2017). Embora não tenham mencionado, os companheiros tendem a inibir sua participação nas atividades escolares, dado este que reforça um imaginário em que os homens exercem controle sobre o corpo feminino, o qual deve ser desconstruído.

Outros desafios foram destacados pelas interlocutoras:

*“Enfrentar o cansaço do dia a dia.”* (Maria de Fátima)

*“[...] deixar meus filhos em casa.”* (Maria das Dores)

*“[...] O único tempo que tenho com minhas 3 meninas, é a noite. Ai tenho que conciliar o tempo.”* (Maria Vitória)

*“[...] ter que cuidar da casa, trabalhar, cuidar da minha filha e estudar. Às vezes, não tenho tempo pra nada, nem pra dormir direito. Porque quando tem prova ou algum trabalho [...], passo a noite acordada.”* (Maria Aparecida)

*“Eu trabalho o dia todo e levo minha filha. Chego à noite, ela, na maioria das vezes, tá cansada e quer dormir. Só que, quando ela dorme, não consigo ir porque não tenho ninguém que possa ficar com ela.”* (Maria Cecília)

*“Meu desafio é meus 2 filhos. Pois não tenho com quem deixar e também não tenho condições de pagar uma babá, e estou gestante, sempre passo mal por conta da anemia!”* (Maria Alice)

O cansaço gerado pelas múltiplas tarefas realizadas durante o dia aparece como um fator que dificulta a permanência dessas mulheres-mães que estudam na EJA, além do desafio de conciliar estudos e maternidade. Em virtude disso, abdicam até do autocuidado e perdem noites de sono, o que resulta em problemas de saúde.



O que faz com que elas, mesmo com tantos desafios, permaneçam na escola e queiram concluir os estudos? Conforme evidenciam suas escrevivências, o que dá sentido a essa luta cotidiana é o desejo de ter um futuro melhor e ingressar no mercado de trabalho. E complementam: “[...] *quero ser a primeira da família a formar*” (Maria Júlia), “[...] *dá um bom exemplo aos meus filhos*” (Maria Helena).

Assim, vemos que, mesmo com poucas condições de acesso e permanência na escola, elas lutam por uma vida menos agitada, um futuro melhor e financeiramente estável, reconhecendo que a educação é um dos caminhos fundamentais para a realização dos seus sonhos.

## CONCLUSÕES

Concluimos que o acesso e a permanência das mulheres-mães-estudantes da EJA são condicionados por desigualdades que perpassam questões étnico-raciais, socioeconômicas e de gênero. Apesar dos obstáculos, elas resistem e lutam por melhores condições de vida.

Enfim, salientamos que os objetivos da pesquisa foram alcançados e destacamos a importância das reflexões ora apresentadas, enquanto dados capazes de provocar incômodos e despertar práticas educativas mais sensíveis e acolhedoras.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações: Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; EITERER, Carmem Lúcia. “Nem tudo são flores”: a interface da educação popular e um modo de ser mulher, mãe e líder nas comunidades eclesiais de base. In: 38ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 01 a 05 de outubro de 2017. **Anais...** UFMA – São Luís/MA: Anped, 2017, 1-17.